



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA
PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Campina Grande – PB
2014

GILBERTO FELIZARDO DA SILVA

PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a: Marta Lúcia de Souza Celino

CAMPINA GRANDE
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Gilberto Felizardo da
Professor de Português como leitor dos Parâmetros
Curriculares Nacionais [manuscrito] / Gilberto Felizardo da Silva.
- 2014.
35 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino,
Educação".

1.Parâmetros Curriculares. 2.Interação. 3.Gêneros textuais.
I. Título.

21. ed. CDD 371.12

GILBERTO FELIZARDO DA SILVA

PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

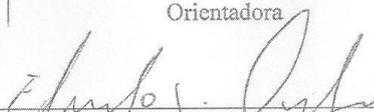
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06/12/2014.



Prof.ª. Dr.ª. Marta Lúcia de Souza Celino/UEPB

Orientadora



Prof.ª. Dr. Eduardo Gomes Onofre/UEPB

Examinador



Prof.ª. Dr.ª. Paula Almeida de Castro/UEPB

Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas graças e bênçãos.

À minha família, meu pai Antonio, minha mãe Estela, que foram os grandes responsáveis e incentivadores na caminhada.

À minha esposa Dácia e aos meus filhos Letícia Karoll e Daniel David, pela confiança, esperança, apoio e companheirismo que sempre demonstraram ter em mim. Alicerce que me sustenta no amor.

Agradeço a minha orientadora, Professora Marta, pelo apoio, encorajamento e incentivo contínuos em todos os momentos.

A todos os meus colegas e amigos que sempre me deram força nos momentos difíceis desta jornada.

Aos demais Mestres da casa, pelos conhecimentos transmitidos, e à Coordenação da Especialização da Universidade Estadual de Campina Grande, pelo apoio institucional e pelas facilidades oferecidas.

*Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz
para o meu caminho.*

(Sl 119,105)

RESUMO

Este trabalho analisa as respostas dos professores de Língua Portuguesa com o objetivo de verificar se estes professores realizam ou não a leitura dos PCNs de LP. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, cujo *corpus* é constituído por um questionário com dezoito questões. A pesquisa foi fundamentada nos documentos oficiais (PCNs, 1998 e por propostas teórico-metodológicas de autores nacionais e internacionais. Os dados sugerem que a maioria dos professores ainda não realizam a leitura dos PCNs com efetividade. Assim, as conclusões nos levam a dizer que o ensino de LP orientado pelos PCNs ainda não é praticado em algumas escolas da Rede Pública de Ensino. Com isso, o ensino de LP baseado na proposta dos PCNs, cujo conhecimento é indispensável na atualidade é deixado a margem. Assim à efetiva interação com a linguagem atrelada aos gêneros textuais deixam de serem apreendidas por uma boa parcela dos alunos.

Palavras-Chaves: Parâmetros Curriculares Nacionais. Interação. Gêneros Textuais.

ABSTRACT

This paper analyzes the responses of Portuguese Language teachers aiming to verify whether or not these teachers perform the reading of PCNs LP. This is a qualitative nature, whose corpus consists of a questionnaire with eighteen questions. The research was based on official documents (PCNs, 1998 and by theoretical and methodological proposals of national and international authors. Evidence suggests that most teachers still do not realize the reading of PCNs effectively. Hence, the findings lead us to say that teaching-oriented LP for PCNs is not yet practiced in some schools the Public Education Network. Consequently, the teaching of LP based on the proposal of NCPs whose knowledge is indispensable in today's left margin. Hence the effective interaction with the linked to language genres cease to be seized by a large portion of the students.

Keywords: National Curriculum Guidelines. Interaction. Textual genres.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Questões 02, 03, 04, 05.....	20
Tabela 02 - Questões 06, 07, 08, 09, 10, 11.....	22
Tabela 03 - Questões 12, 13, 14.....	23
Tabela 04 – Questão 15.....	24

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	2
2.A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E OS PCNS.....	4
3. ARCABOUÇO ESCOLAR.....	16
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	16
3.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	18
4. UM OLHAR SOBRE OS PROFESSORES DE LP.....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS.....	33
7. ANEXOS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o objetivo de apontar as leituras dos professores de português na rede pública de ensino em relação aos PARÂMENTROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) de Língua Portuguesa, sua indicação como objeto de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa (PCNs, 1998) e das perspectivas e dificuldades reveladas pelos professores em relação à prática efetiva desse trabalho, focalizando a formação inicial e continuada do professor de LP.

A atualização de conhecimentos, atualmente, é condição necessária ao desempenho adequado de qualquer profissional. As sociedades se transformam, fazem-se e desfazem-se a cada dia. As tecnologias mudam o trabalho, a comunicação, a vida diária e mesmo o pensamento. Os atores estão de alguma forma interligados por teias de relações multilaterais. A modernidade não permite a ninguém proteger-se das contradições do mundo.

Com certeza, a formação do professor precisa, acompanhar esse processo de transformação. Convém ressaltar sua preparação para uma prática reflexiva, para a inovação e a cooperação. Isso irá favorecer uma relação menos temerosa e individualista com a sociedade. Se os professores não chegam a ser os intelectuais, no sentido estrito do termo, devem ser pelo menos os mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber em constante transformação. Se não se reconhecerem como depositários da tradição ou precursores do futuro, não saberão desempenhar esses papéis por si mesmos.

O meu trabalho contribui para a atualização do professor de língua portuguesa, tendo em vista a falta de uma leitura minuciosa e constante referente ao seu planejamento pedagógico orientado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento elaborado no ano de mil novecentos e oitenta e oito pelo MEC.

A partir de um questionário a ser respondido pelos professores de língua portuguesa da rede pública, ressalta a importância de uma leitura reflexiva sobre a formação dos professores e sua prática em sala de aula. Nesse questionário, será possível perceber as dificuldades reveladas pelos professores em relação à prática efetiva desse trabalho. Destacamos a reflexão acerca do distanciamento entre teoria e prática, uma vez que o processo de formação, na maioria das vezes, pauta-se na transmissão de conhecimentos, deixando quase nenhum espaço para a discussão sobre as dificuldades encontradas pelos docentes na sua prática efetiva.

Pretendemos de forma objetiva: Analisar as respostas dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e/ou Médio referente à leitura dos PCNS. Especificamente:

- Verificar as respostas sobre as leituras relacionadas aos PCNs dadas pelos professores através de um questionário.
- Avaliar que leitura os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental têm em relação aos PCNs.
- Na condição de professores de Língua Portuguesa esses sujeitos são efetivamente leitores dos PCNs?
- Como se constitui essa história de leitura?

Este trabalho está organizado em três capítulos, com os seguintes temas: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E OS PCNS, ARCABOUÇO ESCOLAR, UM OLHAR SOBRE OS PROFESSORES DE LP

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E OS PCNS

A partir dos anos 80 verificamos avanços na área da educação e de psicologia da aprendizagem. Surge um novo quadro que permite aos pesquisadores visualizar falhas do ensino tradicional e estabelecer críticas, por exemplo: a desconsideração da realidade e do interesse do aluno, ao uso do texto para o ensino de valores morais, ao ensino descontextualizado. As instituições de ensino difundem (teoricamente) teses que ajudariam na busca pela melhoria do ensino. Diante das críticas a esse ensino descontextualizado, no final da década de 1990, a pedido do governo, um grupo de especialistas e pesquisadores elaborou o documento oficial Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados em 1998 com a justificativa de melhorar a qualidade de ensino do país. As propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa (LP), a partir de então, consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem (PCNs, 1998). Os estudiosos entenderam que o uso da linguagem significa considerar os recursos e os arranjos pelos quais se constrói um texto, num determinado contexto. Neste caso, ganharam força os estudos acerca de gênero textual e particularmente, sobre os mecanismos pelos quais se manifesta a coesão dos textos bem como sobre os elementos que concorrem para a coerência textual.¹

O novo paradigma apontado pelos PCNs implica uma atividade tipicamente reflexiva em relação à linguagem. Isso traz em seu bojo uma tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores. Nesse sentido, a interação pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva. Isto é,

¹ À difusão dos estudos desenvolvidos em disciplinas como a Sociologia, a Psicolinguística e a Linguística Aplicada segue-se a de outros domínios interdisciplinares da Linguística, particularmente o da Linguística Textual e o da Análise do Discurso.

dizer alguma coisa a alguém de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interação.

Além disso, os conteúdos relacionados a Língua Portuguesa passaram a se articular em dois eixos: **USO** da língua oral e escrita e **REFLEXÃO** sobre a língua e a linguagem. Em função desses dois eixos se organizam os conteúdos: no eixo do USO, prática de escrita e de leitura de textos; no eixo da REFLEXÃO, prática de análise linguística (PCNs, 1998).

Apesar das orientações acima relacionadas à LP, percebemos que tais avanços ainda não se concretizaram significativamente na prática escolar da rede pública de ensino. Muitos professores de LP (principalmente os mais antigos) tiveram na sua formação profissional conhecimentos teóricos que se limitaram apenas a noções e regras gramaticais. Tais professores, de certa forma, se acomodaram. Muitos por desinteresse da teoria, outros por decepções decorrentes da baixa remuneração profissional. Antunes (2001, p. 40) afirma que esse “desinteresse pode significar também uma incompreensão do que seja ‘teoria’ e ‘prática’, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente”. Esses professores esperam passivamente “que alguém venha lhes dizer o que fazer e como fazer, dispensando o trabalho constante de estudar, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e reinventar sua prática” (ANTUNES, 2001, p. 40).

De fato, atualmente, no processo de formação dos professores de língua ainda há um certo distanciamento entre teoria e prática, uma vez que esse processo de formação, na maioria das vezes, pauta-se na transmissão de conhecimentos, ficando em segundo plano a discussão sobre as dificuldades que os docentes “poderão” encontrar na sua prática efetiva.

As práticas de ensino-aprendizagem de LP, em particular, enfrentam um verdadeiro dilema no que respeita à abordagem dos fenômenos linguísticos em sala de aula.

De um lado, tem-se a concepção de trabalhar com a gramática tradicional (GT); de outro, com a leitura, a escrita e a análise linguística.

Segundo Perrenoud (1997), neste mundo em transformação os professores são os mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber. Entender que sua formação é orientada para uma prática reflexiva e crítica como prioridade da formação. Perceber que nessa prática a relação educativa evolui lentamente, o progresso técnico obedece a uma trama bastante estável e suas condições de trabalho e sua cultura profissional estão instaladas numa rotina. Os problemas e os contextos sociais são os empecilhos para uma evolução das práticas pedagógicas.

Para driblar tal situação, a pedagogia deve ser mais interativa e construtivista, a relação mais calorosa ou igualitária. Não basta formar professores que sabem um pouco mais do que os seus alunos e mostram um pouco de método para transmitir o saber. Não se pode fechar os olhos para a transformação curricular ou tecnológica que demanda a sociedade. É necessária uma mudança na escola para adaptá-la a contextos sociais em transformação, ou seja, democratizar o acesso ao saber. O que já é uma prática em numerosos países. Esta transformação deve ser lida e decodificada para incitar a escola à mudança. Os professores e os pais que se apegam ao status quo não tem interesse em fazer essa leitura. É papel da escola formar o maior número de pessoas levando em conta a evolução da sociedade, todos devem levar a sério e fazer disso uma prioridade. Até mesmo para aqueles que estão convencidos de que a escola deve se adaptar à nova realidade ainda não estão prontos para elevar o nível de formação dos professores e não admitem que isso custe mais dinheiro para a Educação.

Para Perrenoud (1996b, 1998c) as competências profissionais só podem ser construídas graças a uma prática reflexiva e que haja participação que se assegure desde o início dos estudos. O citado descreve as dez competências ligadas às transformações do professor: “1. organizar e animar as situações de aprendizagem; 2. gerir o progresso das

aprendizagens; 3. conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; 4. envolver os alunos nas suas aprendizagens e no seu trabalho; 5. trabalhar em equipe; 6. participar da gestão da escola; 7. informar e envolver os pais; 8. servir-se de novas tecnologias; 9. enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão; 10. gerir sua própria formação contínua” (Perrenoud, 1999 a). A prática reflexiva ancorada sobre essa base de competências profissionais, aliada a participação crítica serão o fio condutor do conjunto da formação, das atitudes que deveriam ser adotadas e desenvolvidas pelas unidades de formação.

Segundo Machado (2007) a formação do professor continua sendo questionada e criticada pela falta de uma necessidade eminente de reformulação do ensino e das práticas pedagógicas. Nesse contexto, o professor de língua portuguesa parece atravessar uma crise de identidade, não sendo mais o “guardião” da língua, sempre à procura de “erros”, baseada no modelo padrão de língua, tendo a norma culta como única e “correta”, formalizada num passado marcado pelo poder de uma elite dominante. Esse ensino descontextualizado, centrado na norma culta, na gramática, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil vem sofrendo mudanças significativas a partir da década de 80, quando os avanços decorrentes de pesquisas nas diversas áreas da Linguística contribuíram para a reflexão e reformulação do ensino dessa disciplina. Isso contribuiu para um novo paradigma de ensino da LP sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento oficial instituído pelo governo e elaborado por um grupo de professores, especialistas e pesquisadores da área. Tal documento traz orientações sobre o ensino nas diversas áreas do conhecimento, incluindo o ensino de Língua Portuguesa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam o ensino da Língua Portuguesa no qual o ponto de partida e chegada seja o uso e a reflexão da linguagem e, para isso privilegiam o trabalho com os gêneros. Segundo a mesma autora apesar dos esforços governamentais por um ensino de qualidade e por reformas na educação, a elaboração de documentos oficiais, por

exemplo, os PCNs, o Sistema de Avaliação Básica (SAEB) e agências de controle, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) são objetivos e ações que devem estar atreladas a uma boa formação de professores.

Machado (2007), afirma que diante da transformação da sociedade, não há como negar a necessidade de reformulação dos cursos e programas de formação docente. Os cursos de formação docente ainda permanecem presos à “grades curriculares”, preocupados com a reprodução e acumulação do saber, a desvalorização da profissão, os baixos salários, são exemplos de que falta uma política de governo preocupada não só com a qualidade de ensino como também com o próprio sistema educacional. Outro ponto é a formação continuada dos professores, são marcados pela desarticulação e descontinuidade nas mudanças de planos e troca de governo. Em meio a este cenário, os professores estão diante de um novo desafio, novos paradigmas são elaborados para o ensino de LP. Será que esses profissionais estão preparados para essas mudanças? Os professores compreendem crítica e teoricamente o que a eles é “proposto” como parâmetro? A sua formação possibilitou sua total autonomia para efetivar um bom trabalho em sala de aula? Essas reflexões aliadas às perguntas de pesquisa apresentadas anteriormente nos levam a realidade da sala de aula.

Diante das perspectivas aqui apresentadas em relação à formação do professor e as transformações em curso, o MEC sugere a mudança de paradigma para o ensino da Língua Portuguesa (LP). Percebemos no documento oficial (PCNs) a abordagem com gêneros discursivos direcionado pelo olhar das lentes teórico-metodológicas das teorias enunciativo-discursiva (Bakhtin), e sociointeracionista (Vygotsky), na qual representa uma grande mudança paradigmática, ampliando o conceito de ciência a partir de um novo olhar sobre a forma de conceber e interpretar os fatos humanos, um olhar que inclui e valoriza as dimensões éticas e estéticas.

De acordo com Machado (2007), a reflexão sobre a linguagem é ter à frente um universo de possibilidades. São vários os caminhos que se podem seguir. Todos revelam a importância da linguagem nas diversas áreas do conhecimento, pois estudá-las é estudar o homem, suas relações sociais, sua história. Entre os estudiosos da linguagem destaca-se o russo Mikhail Bakhtin, com a teoria do enunciado concreto e dos gêneros discursivos, tem ocupado espaço nas discussões e nos estudos lingüísticos contemporâneos. A perspectiva dialógica e sócio-histórica da linguagem bakhtiniano, que tem o conceito de gêneros do discurso tornou-se um dos objetos de ensino-aprendizagem de língua materna no Brasil, a partir da elaboração dos PCNs. (1998: 23):

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Segundo Bakhtin (1997), as esferas da atividade humana estão relacionadas através da linguagem, pois sempre utilizamos à língua em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Os enunciados encerram em si especificidades da esfera na qual circulam, compondo os “tipos relativamente estáveis”, que Bakhtin denomina “gêneros do discurso”. As especificidades e as finalidades de cada esfera de atividade humana, presentes nos enunciados, são observadas através da tríade que compõe o gênero: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. Essas partes são indissociáveis e determinadas em função da vontade discursiva do falante ao eleger determinado gênero e, principalmente, das especificidades das esferas de comunicação a que pertence tal gênero. O estudo dos gêneros é essencial, pois ao interagirmos em qualquer situação ou esfera, o fazemos através de determinados gêneros do discurso. Cada vez que escolhemos um gênero não fazemos antes uma classificação ou criamos um novo gênero. Apesar de sua plasticidade e relativa estabilidade, eles nos são dados. Nas palavras de Bakhtin (idem, p. 283):

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Tânia (2007) defende o trabalho com os gêneros discursivos por acreditar que, pelo seu caráter social, cultural e histórico, são práticas que podem amenizar a lacuna existente entre as práticas de letramento propostas na esfera escolar e as específicas de outras esferas sociais, das quais os alunos fazem parte. Para a autora essa aproximação se torna essencial para o trabalho com a linguagem a partir do seu uso, como prática social.

Segundo Rojo (2000) a elaboração dos PCNs são um avanço nas políticas educacionais brasileiras em geral, pois eles “constituem-se em diretrizes que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar uma formação básica comum”. (PCNs, Introd., p.19). Mas, a construção dos currículos deverá ser feita pelos órgãos educacionais (estados e municípios) e pelas próprias escolas, pautado essencialmente no processo de construção da cidadania. Isso implica um grande esforço de reflexão para a transposição didática destes princípios e referenciais às práticas educativas em sala de aula. A autora cita quatro níveis de concretização dos PCNs às práticas de sala de aula: o primeiro nível é o da construção dialogada dos parâmetros como referenciais para outras ações de política educacional (Formação inicial e continuada de professores, análise de livros e materiais didáticos, avaliação nacional); o segundo nível refere-se às instâncias educacionais oficiais (estaduais e municipais), o diálogo que os PCNs poderão estabelecer com as propostas que por sua vez são abertas; o terceiro e o quarto níveis dizem respeito à elaboração do projeto educativo de cada escola (PPP) e à realização do currículo em sala de aula. Nos PCNs de LP são mencionados princípios organizadores de ensino e critérios para a

sequenciação destes conteúdos e organizações didáticas especiais (projetos e módulos didáticos).

A autora citada faz uma organização da progressão curricular nos PCNs de Língua Portuguesa em dois eixos: os das práticas de uso da linguagem e as práticas de reflexão sobre a língua e a linguagem. Para as práticas de uso o texto é visto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objetos de ensino. São envolvidos os processos de escuta e leitura de textos levando o aluno às práticas de produção de textos orais e escritos. Já as práticas de reflexão envolvem a análise lingüística (variação lingüística, organização estrutural dos enunciados, processos de construção de significados, léxico, redes semânticas e os modos de organização dos enunciados). Essa proposta de organização curricular exige dos estados e municípios uma reorganização da formação inicial e continuada dos professores.

Rojo (2000) aponta alguns dos principais problemas e procedimentos envolvidos na formação de professores para a transposição didática, na organização de currículos e progressões orientadas nos PCNs:

- em relação ao objeto de ensino: compreensão dos professores da teoria da enunciação e da teoria dos gêneros do discurso; discriminação destas teorias em relação às teorias textuais e cognitivas; necessidade de elaboração de textos de divulgação científica a partir destes saberes de referência; conteúdos para as práticas do eixo da reflexão sobre a língua e linguagem; rediscussão do ensino de gramática em geral; descrição dos gêneros discursivos (situação de produção).

- referente aos critérios de organização de progressões curriculares: determinação do grau de complexidade do objeto de ensino-aprendizagem; nas exigências das tarefas para o uso e análise de linguagem, faz-se necessário uma revisão teórica enunciativa baseada nas teorias cognitivas. Para esses critérios são colocados mais desafios na formação continuada dos professores: formação do professor para a elaboração de projetos de ensino-aprendizagem

(Formação do professor na Teoria de Vygostsky, 1935), implica as possibilidades de aprendizagem e a reflexão sobre a necessidade de aprendizagem. Nessa perspectiva a aprendizagem se dá por mediação simbólica no processo de interação o que implica em levar o professor a refletir sobre os processos interativos e a mediação simbólica na sala de aula e sobre a qualidade.

Como os gêneros discursivos ou textuais são objetos de ensino nos PCNs, e que a seleção de textos a serem trabalhados como unidades de ensino, Rojo menciona Dolz e Schneuwly (1996) que sugerem um grupo de gêneros (uso) que são distribuídos por cinco domínios que exigem capacidades de linguagem diferenciadas: narrar, relatar, argumentar e instruir/prescrever. Já os PCNs de LP agrupam os gêneros textuais em função da sua circulação social: gêneros literários, imprensa, publicitário e divulgação científica. Para o “tratamento didático dos conteúdos”, os PCNs de LP sugerem e incentivam os projetos e os módulos didáticos. Isso porque os projetos têm algumas vantagens, tais como: flexibilização de tempo, compromisso e envolvimento dos alunos com aprendizagem e com a própria aprendizagem. Nos módulos didáticos são sugeridas as seqüências didáticas que constituirão o conjunto de aulas e materiais organizados em torno de uma atividade de linguagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem diretrizes para o Ensino Fundamental e serve de apoio ao professor. Os PCNs de Língua Portuguesa oferecem subsídios para um ensino que permita o aluno o uso da leitura e escrita e dos seus benefícios de sua apropriação (diminuição do fracasso escolar e o exercício da cidadania). Uma das teorias que embasam os PCNs é a concepção enunciativa de língua proposta por Bakhtin (1953/1979), especialmente no que diz respeito aos gêneros de discurso. Essa concepção de língua é diversa das correntes difundidas atualmente que concebem a língua como o código ou como um sistema no qual o texto é utilizado como unidade básica de ensino e, é tido como pretexto para o ensino de gramática; a leitura e escrita é vista como habilidades distintas e

valorizam a manutenção de aspectos descritivos da língua. Os PCNs apresentam dois eixos: uso e reflexão. Nessa concepção a língua é entendida como discurso e texto, como uma manifestação verbal. Os PCNs apontam os gêneros discursivos como objetos de ensino e o texto como unidade de ensino. Adotar a posição dos PCNs implica a necessidade de distinguir gêneros, textos e tipos de textos, relacionar leitura, escrita e gramática e estabelecer práticas de reflexão sobre a linguagem. Para fazer a distinção entre gênero e texto é necessário olhar para os textos como enunciados concretos e únicos e que são organizados dentro de um gênero. O gênero é a concretização do texto com suas características próprias.

Seguir as orientações dos PCNs pressupõe modificar as práticas de linguagem sobre uma concepção abstrata de língua como objeto de ensino por uma concepção enunciativa e discursiva de língua. Essa mudança de concepção não pode ser transposta diretamente para a sala de aula. Antes se faz necessário outros níveis de concretização apontados pelo próprio documento introdutório aos PCNs: a necessidade de re-elaboração de propostas curriculares pelos estados e municípios; a elaboração do projeto de cada escola e a elaboração da programação de cada professor a ser desenvolvida em sala de aula.

Jacqueline Peixoto Barbosa (2000) discute no seu artigo: *Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis?*, algumas opções teóricas assumidas pelos PCNs de LP e aponta caminhos e como trabalhar com os gêneros do discurso em sala de aula. O trabalho com os gêneros do discurso (concepção enunciativo-discursiva de linguagem), posição assumida pelos PCNs de LP propõe uma necessidade de se construir uma escola voltada à formação de cidadãos, o desenvolvimento efetivo da competência discursiva dos alunos, a eleição do texto como unidade básica de ensino, como também a noção bakhtiniana de gêneros do discurso para articular o trabalho de LP.

A autora citada responde o motivo do trabalho com os gêneros textuais. Há uma grande necessidade de trabalhar com a diversidade textual, de estabelecer critérios para a seleção de diferentes tipos de textos em circulação social para garantir a progressão curricular. A escolha dos gêneros do discurso (orais e escritos), como objeto de ensino inclui aspectos da ordem da enunciação, contempla o complexo processo de produção e compreensão de textos, permite incorporar elementos da ordem social e de histórico, permite considerar a situação de produção de um discurso (quem fala, para quem fala, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, qual o objetivo, finalidade ou intenção, em que registro, etc.), abrange (o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo verbal), permite tomar os gêneros públicos como objeto de ensino e permite o ensino das formas de dizer que circulam socialmente.

Segundo Barbosa (2000) os gêneros trazem em si mesmo conteúdos específicos de ensino a ele relacionado. Os gêneros são: instrumento que mede, dá forma, viabiliza a materialização de uma atividade de linguagem. A seleção de gêneros possibilita uma progressão curricular mais articulada ao longo das séries/ciclos iniciais. Possibilita uma abertura curricular que permite uma maior mobilidade ao professor, mas que precisa ter cuidado, pois corre o risco de repetir o mesmo conteúdo durante anos, com isso não faz uma construção de uma reflexão vertical acerca do currículo.

A autora citada conclui que o ponto central ao qual se articulam as propostas da área de LP é o trabalho com diferentes gêneros do discurso, em contraposição a um trabalho baseado em diferentes tipos de texto, definidos por sua estrutura e função. A autora defende razões para a adoção dos gêneros do discurso como objeto de ensino:

- permitem capturar aspectos estruturais em um texto, aspectos sócio-históricos e culturais;
- permite concretizar a forma de dizer em circulação social;

- fornece instrumentos para pensar as sequencias e as práticas de uso da linguagem (compreensão e produção de textos orais e escritos);

- pesquisas mostram uma melhoria considerável no desempenho no desenvolvimento dos alunos no que se refere à produção e compreensão de textos.

As perspectivas teóricas que fundamentam esta pesquisa se baseiam nas pesquisas do sociólogo Philippe Perrenoud (1997; 1999), Roxane Rojo (2000) e Tânia Cristina Lemes Machado (2007), que discorrem sobre a formação do professor embasado nas perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

3. ARCABOUÇO ESCOLAR

3.1. Contexto da Pesquisa

A metodologia utilizada será permeada pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, pois o trabalho se constituirá em um estudo de caso, constando em uma análise de questionários respondidos por professores de LP das escolas estaduais da Cidade de Areia – PB. Todavia, para essa metodologia o fator quantitativo também é determinante para caracterizar as respostas no questionário.

Segundo Gonzaga, a pesquisa qualitativa é a melhor forma de extrair e descrever dados, situações, experiências, pensamentos e reflexões dos indivíduos. Dessa forma, a pesquisa qualitativa tem como característica peculiar à diversidade metodológica. Assim, permite extrair dados da realidade como o fim de serem contratados a partir do prisma do método. Possibilita visualizar o imaginário do sujeito pesquisado, pois seu universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes correspondem a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Segundo o mesmo autor, a pesquisa qualitativa em educação não pode somente se deter em aspectos quantitativos. Nesta, não tem como fazer uma descrição da complexidade de uma determinada situação, compreender e classificar processos dinâmicos e experimentos por diferentes grupos sociais e/ou apresentar contribuições no processo de mudança de determinado grupo, como também, permitir particularidades dos comportamentos dos indivíduos.

Considerando o aspecto de que a pesquisa de caráter qualitativa ser muito ampla e que nela tem cabido uma variedade de métodos. Podemos mencionar: estudo de casos, investigação-ação, antropologia cognitiva, análise de conteúdo, investigação dialética, análise conversacional, estudos “delphi”, pesquisa descritiva, pesquisa direta, análise do discurso, estudo de documentos, psicologia ecológica, criticismo educativo, etnografia da comunicação, etnometodologia, etnociência, hermenêutica, investigação heurística, investigação intensiva, avaliação interpretativa, estudos sobre biografias ou histórias de vida, pesquisa participante, avaliação qualitativa, interacionismo simbólico, entre outras.

Utilizamos a pesquisa qualitativa por acreditarmos que esta contribui para uma melhor compreensão da investigação da qual nos propomos. Compreender e descrever as experiências e atitudes dos professores de LP ao longo de sua formação profissional. Através dos dados levantados poderemos perceber, entre outras coisas, como acontece o planejamento de aulas de LP desses professores ao longo do ano letivo. Através do estudo de caso dessa pesquisa qualitativa, podemos compreender e entender os fenômenos individuais e/ou motivos que levaram a determinada decisão. Este método é útil, por se tratar de um estudo empírico que tem como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Através destas o entrevistado vai expressar sua opinião sobre o assunto determinado.

Assim sendo, o estudo de caso tenta esclarecer decisões a serem tomadas, partindo do seu contexto real, e, para isso, utiliza múltiplas fontes de evidências. Os estudos de caso podem ser: exploratórios, descritivos e analíticos. Certamente, nos propomos a descrever o contexto da vida real dos professores de LP. Entender como acontece no contexto escolar seu olhar, ou não, nos PCNs de LP e sua aplicabilidade em sala de aula.

O universo da pesquisa é formado por professores em pleno exercício da função de Língua Portuguesa nas Escolas Públicas da Cidade de Areia – PB na faixa etária de 20 a 60 anos.

3.2. APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Questionário é um instrumento de coleta de dados que possui uma série ordenada de perguntas abertas, fechadas ou os dois tipos que devem ser respondidas por escrito. Deve conter também a explicação da natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas. Como toda técnica possui vantagens e desvantagens em sua aplicação como entre outras (MARCONI e LAKATOS, 2003, pág. 201) destaca:

“ Vantagens: Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados; Atinge maior número de pessoas simultaneamente; Abrange uma área geográfica mais ampla; Obtém respostas mais rápidas e mais precisas; Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador; Há mais tempo para responder e em hora mais favorável; Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.

Desvantagens: Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas; A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente; Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra”.

MOREIRA E CALEFFE (2008, pág. 95) expõem uma justificativa para aplicarmos questionário em uma série, em particular de uma escola:

“Há justificativa para utilizar o questionário em pesquisas de pequena escala em que, por exemplo, faz-se necessário coletar dados dos professores de uma escola de ensino médio ou de alunos de alguma série em particular? A resposta é sim, contanto que o pesquisador esteja consciente: De que o que ele deseja encontrar é mais difícil do que parece; e de que tipo de informação o questionário proporcionará”.

Os autores ainda citam algumas limitações que o uso do questionário pode proporcionar como o dado coletado tende a descrever ao invés de explicar porque as coisas são da maneira que são e o dado pode ser superficial.

Os autores ainda citam algumas limitações que o uso do questionário pode proporcionar como o dado coletado tende a descrever ao invés de explicar porque as coisas são da maneira que são e o dado pode ser superficial.

Assim, depois de refletirmos sobre a aplicação de questionários, escolhemos a constituição do *corpus* do nosso trabalho um questionário com algumas perguntas fechadas e outras abertas. As questões foram previamente selecionadas e solicitadas aos professores de LP, para que estes respondessem voluntariamente. O *corpus* está composto por dezoito perguntas igualmente respondidos por seis professores de LP da EEEFM Carlota Barreira na cidade de Areia – PB, (ANEXO A).

Após a análise dos questionários, respondidos pelos professores de LP, será feito um diagnóstico para conhecer as inovações promovidas pelos PCNs aos professores pesquisados, guiados pelos pressupostos teóricos que fazem parte do embasamento desta pesquisa.

Esta é uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativo, visto que pretendemos descrever, interpretar e analisar os dados do *corpus*. Nesse tipo de pesquisa o investigador é parte fundamental, pois usa a sua capacidade de fazer julgamentos sobre dados e escolher aqueles que melhor refletem sua interpretação.

4. UM OLHAR SOBRE OS PROFESSORES DE LP

As respostas aqui analisadas foram produzidas na sala dos professores no dia 07/10/2014 com os professores da EEEFM Carlota Barreira, na cidade de Areia – PB. Solicitamos aos professores que respondessem as dezoito questões do questionário formulado previamente. Percebemos uma boa receptividade dos professores, apesar dos mesmos estarem ocupadíssimos com as atividades pedagógicas.

Como foi mencionado anteriormente, o questionário há dezoito questões que, inicialmente tratam do perfil do professor: sua faixa etária, número de turmas, quantidade de escola que leciona, quantidade de turnos, seu vínculo empregatício, tempo que leciona na EEEFM Carlota Barreira, quantidade de tempo que leciona LP na escola mencionada anteriormente, quando foi a última formação continuada, em qual momento isso aconteceu e em que área. A seguir foram abordadas questões referentes à finalidade a qual nos propusemos nesta pesquisa. Como trata-se do professor de LP como leitor dos PCNs, se faz necessário iniciar com o planejamento dos mesmos. Pois, o professor de LP ao realizar seu planejamento pedagógico do ano letivo, seja ele diário, semanal, bimestral ou semestral, inicialmente, deve-se partir do pressuposto que este professor tenha um mínimo de conhecimento dos PCNs de LP. Saber que recursos didáticos são utilizados na sala de aula, se há estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs, se essa prática seria interessante, se este professor sente essa necessidade, se fora do contexto escolar, ele estuda os PCNs, por fim, se há um nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto nos PCNs e a realidade dos seus alunos.

Neste capítulo apresentamos a análise dos resultados da pesquisa, tendo como base as respostas do questionário aplicado aos professores de LP da EEEFM Carlota Barreira, na cidade de Areia.

O questionário foi aplicado individualmente pelos seis professores de LP na escola mencionada acima. A seguir faremos a análise dos dados. Na primeira questão, solicitamos aos professores que informassem sua faixa etária. Obtivemos os seguintes dados: dois professores com faixa etária entre 25 e 30 anos; um professor entre 35 e 40 anos; um professor entre 40 e 45 anos; um professor entre 45 e 50 anos e por fim, um professor entre 50 e 55 anos. Percebemos que há naquele ambiente escolar professores jovens e outros mais velhos. Isso significa que há mescla de professores com formação na graduação mais recente e outros com uma formação mais antiga, uns menos experientes e outros com mais experiência.

Na segunda questão foi perguntado o tempo de ensino de LP; na terceira, em quantas escolas leciona LP; na quarta, quais as séries e na quinta, quantos turnos atua como professor de LP; vejamos na tabela a seguir os dados obtidos:

	SEÇÃO 01	SEÇÃO 02	SEÇÃO 03	SEÇÃO 04
PROFESSOR 1	09 anos	01 escola	Ens. Fund. II	02 turnos
PROFESSOR 2	03 anos	01 escola	Ens. Fund. II (séries finais) e Ens. Médio	01 turno
PROFESSOR 3	22 anos	02 escolas	Ens. Fund. II	02 turnos
PROFESSOR 4	03 meses	01 escola	Ens. Fund. II	01 turno
PROFESSOR 5	06 anos	01 escola	Ensino Médio	03 turnos
PROFESSOR 6	06 anos	01 escola	Ens. Fund. II	01 turno

Tabela 01: Questões 02, 03, 04, 05

Fonte: autoria própria

Percebemos na seção 01 que as afirmações da primeira questão se confirmam, no diz respeito aos anos de experiência aliada à formação na licenciatura e o tempo de docência em sala de aula. Na seção 02, percebemos que apenas um professor leciona em mais de uma escola a disciplina de LP, os outros lecionam em uma única escola. Na seção 03, não há distinção quanto ao tempo de experiência e a quantidade de escolas. Os professores foram habilitados a lecionar a LP em séries diversas, não importando para isso seu tempo de serviço.

Por fim, na seção 04, percebemos que três professores atuam em um turno; dois atuam em dois turnos e apenas um atua em três turnos.

Concluimos que, na Tabela 01, os professores de LP da EEEFM Carlota Barreira apesar de lecionarem tal disciplina em apenas uma escola, mas que, metade destes atuam em mais de um turno. Isso pode ou não comprometer a qualidade de ensino? Esse dado não é objeto desta pesquisa, apesar de ser relevante. No entanto, os dados nos revela que este professores foram selecionados indistintamente a atuarem no Ensino Fundamental e Médio, não por tempo de experiência ou idade, nem pela sua formação na licenciatura. Significa dizer que, a distribuição desses professores nas etapas de ensino e nas séries não prevaleceu critérios como, por exemplo: mais experiência aliada a turmas do Ensino Médio, que em tese exigiria uma habilitação mais completa e atualizada.

Na tabela a seguir, na seção 01 – solicitamos aos professores sobre seu vínculo de trabalho, na seção 02 – o tempo de ensino de LP, na seção 03 – há quanto tempo leciona LP na EEEFM Carlota Barreira, na seção 04 – há quanto tempo foi à última formação, na seção 05 – em que momento isso aconteceu e na seção 06 – em que área. Vejamos os dados:

	SEÇÃO 01	SEÇÃO 02	SEÇÃO 03	SEÇÃO 04	SEÇÃO 05	SEÇÃO 06
PROFESSOR 01	Prestador	06 anos	06 anos	Em curso	Sábado Semipresencial	Educação
PROFESSOR 02	efetivo	02 anos	02 anos	Em curso	Sábado Semipresencial	Educação
PROFESSOR 03	Prestador	22 anos	22 anos	Em curso	Noturno diária Semipresencial	Educação
PROFESSOR 04	Prestador	03 meses	03 meses	Em curso	Noturno diária Presencial	Literatura
PROFESSOR 05	Prestador	05 anos	05 anos	01 ano	Sábado Semipresencial	Língua Portuguesa
PROFESSOR 06	Efetivo	31 anos	06 anos	02 anos	Sábado Semipresencial	Letras

Tabela 02: Questões 06, 07, 08, 09, 10, 11
Fonte: autoria própria

Os dados da seção 01 nos revelam que dos seis professores pesquisados apenas dois são efetivos. Verificamos que um está em início de carreira e o outro já está com bastante tempo de pleno exercício de docência. Entretanto, dos professores prestadores de serviço, há também um professor que já está há bastante tempo em exercício. Os outros estão em média há quatro anos e meio lecionando LP como prestador de serviço.

Na seção 02 e 03, percebemos que o professor 06 está lecionando na escola mencionada há trinta e um ano, no entanto, apenas em seis está lecionando LP nesta mesma escola. Quanto aos demais, percebemos que existe uma variedade de tempo de atuação. Uns mais experientes que outros, pois uns estão há três meses e outros até vinte e dois anos.

Na seção 04, 05 e 06, observamos que a grande maioria dos professores está em formação continuada e, que essa formação acontece na área de Educação na modalidade semipresencial no período do sábado. Esse dado é interessante, pois acreditamos que tais professores estão buscando atualização diante do mundo em transformação. Isso contribui não só na sua formação curricular, como também na formação dos seus alunos. Pois, para esses alunos o ensino não está descontextualizado com a realidade.

Na Tabela 03, analisamos a forma de planejamento das aulas desses professores, os recursos utilizados em sala de aula e se há estudo ou discussão para a realização do planejamento. Vejamos os dados a seguir:

	SEÇÃO 01	SEÇÃO 02	SEÇÃO 03
PROFESSOR 01	Semanal	Livros didáticos, gramáticas, internet, jornais e revistas.	Não
PROFESSOR 02	Diário e semanal	Livros didáticos, internet, gramáticas, livros literários, outros.	Não
PROFESSOR 03	Bimestral	Livro didático, gramática, internet, outros.	Não
PROFESSOR 04	Semanal	Currículo da série	Não

PROFESSOR 05	Diário	Livros didáticos, paradidáticos e vídeos.	Não
PROFESSOR 06	Semanal	Pesquisas e livros didáticos	Sim

Tabela 03: Questões 12, 13, 14

Fonte: autoria própria

Nesta Tabela 03, seção 01, percebemos que quatro professores fazem o planejamento semanal, um realizam seus respectivos planejamentos diário e semanal, um apenas diário e outro bimestral. Não nos cabe aqui inferir que esse ou aquele modo de organizar os planejamentos seria melhor ou pior. Vale ressaltar que o planejamento depende de alguns fatores que são particulares e/ou individuais ao contexto escolar.

Na seção 02 da mesma tabela, observamos que a grande maioria dos professores além de utilizarem os livros didáticos, utilizam também outros recursos. Acreditamos que essa prática é louvável, pois muitos professores da Rede Pública de Ensino se limitam apenas ao livro didático. Com isso esse aluno fica com sua formação prejudicada, pois carece de textos atuais em consonância com a realidade e compromete sua preparação ao Concurso do Enem. Além disso, os textos desses livros didáticos são superficiais, distante da realidade que o cerca. Um professor respondeu que utiliza como recurso didático o currículo da série. Não sabemos se este currículo ao qual esse professor se refere é o próprio livro didático com seus conteúdos atrelados a base curricular comum.

Na seção 03, afora um professor, se discute com outros professores o ensino de LP sobre os PCNs. Percebe-se que tais professores não têm a prática de leitura dos PCNs. Assim sendo, esses professores podem ou não seguir as orientações dos PCNs. Todavia, como seguir as orientações dos PCNs pressupõe modificar suas práticas de linguagem, acreditamos que esses professores ainda estão ‘presos’ a um ensino tradicional.

Com relação a questão número quinze, que está relacionada a seção 03 da Tabela 03, pretende-se questionar como esses professores veem essa prática de leitura dos PCNs. As respostas foram as seguintes:

PROFESSOR 01	“Não é bom, pois seria interessante uma troca de experiência”.
PROFESSOR 02	“Não é positivo, porque a troca de experiências é importante para aperfeiçoar o trabalho”.
PROFESSOR 03	“Deveria haver, pois é necessária e de grande importância”.
PROFESSOR 04	“Deveria ser mais debatida a prática e compartilhada com os outros professores”.
PROFESSOR 05	“A falta de diálogo entre os professores da área prejudica bastante o planejamento da disciplina”.
PROFESSOR 06	“A socialização de problemas e resultados positivos ajuda o profissional a crescer”.

Tabela 04: Questão 15
Fonte: autoria própria

Na Tabela 04, percebemos que todos os professores de LP gostariam de compartilhar suas experiências com seus colegas da área. No entanto, a prática de leitura dos PCNs não é discutida entre os professores de LP até porque esse planejamento não é realizado por área. Verificamos que os professores pesquisados realizam seus planejamentos em períodos variados e não há um momento para estudo e discussão em grupo. Observamos nas respostas dos professores uma maior preocupação com trocas de experiências, mas que deveria haver um momento exclusivo para discutir e planejar de acordo com as orientações dos PCNs.

Na questão dezesseis, foi solicitado que aos professores a necessidade ou não do estudo dos PCNs. Percebemos que todos os professores responderam “sim”. Solicitamos ainda, que eles justificassem suas respostas. Vejamos os resultados:

PROFESSOR 01

R1

“ Acho que seria interessante uma troca de experiência ”.

Percebemos que o professor 01 limitou sua justificativa apenas através de uma troca experiência. Ele achou que seria interessante essa troca, mas não respondeu claramente ao que foi solicitado.

PROFESSOR 02

R2

“Conhecer os PCNs é importante para garantir que os alunos tenham acesso a uma base curricular comum”.

Observamos que o professor 02 justificou seu “sim” de uma forma mais generalizada. Este professor está preocupado que os alunos apenas tenham uma base curricular comum. Não há uma preocupação em seguir as orientações contidas nos PCNs de LP.

PROFESSOR 03

R3

“Os PCNs são importantes, pois abrangem assuntos diversos”.

Quanto ao professor 03, verifica-se a importância dos PCNs, mas de forma geral, na sua totalidade. Desta forma, a leitura do mesmo é importante.

PROFESSOR 04

R4

“ Os PCNs são de grande importância para o desenvolvimento em sala de aula”.

O professor 04 também se justificou afirmando a importância dos PCNs para o desenvolvimento da aula. Não sabemos, no entanto, se sua resposta traduz uma boa prática em

sala de aula. Se há o trabalho com o uso e a reflexão sobre a língua e a linguagem (PCNs, 1998).

PROFESSOR 05

R5

“Sim. Se todos os professores conhecessem os PCNS a nossa realidade seria bem melhor”.

Conforme vimos, o professor 05 acredita que o conhecimento desses parâmetros, a nossa realidade seria bem melhor. Percebemos que o professor em questão está usando a realidade de toda a classe. Sabemos que muitos professores não estão nem “aí” com uma boa qualidade de ensino nas escolas.

Já o professor 06 simplesmente não justificou sua resposta “sim” no item anterior.

Com relação a questão dezessete, solicitamos aos professores sobre o estudo dos PCNs além do planejamento escolar. Vejamos as respostas:

De acordo com três professores há sim um estudo dos PCNs além do planejamento escolar, pois alguns estudam para concursos públicos e outros estudam para buscar mais informação. Já para outros três professores não há necessidade alguma de estudar os PCNs fora do contexto escolar. Para estes, o estudo dos mesmos foram realizados na graduação, portanto não sentem essa necessidade.

Na última questão, solicitamos aos professores quanto o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto nos PCNs e a realidade dos seus alunos. Verificamos as seguintes proposições:

PROFESSOR 01

R1

“Acho super interessante aliar a teoria à prática. Vejo que há um bom nível, pois procuro me adequar minhas aulas as teorias propostas nos PCNS”.

O professor 01 afirmou que é importante aliar a teoria à prática de sala de aula. Ele percebe um bom nível entre a teoria e a prática proposta pelos PCNs. Isso é positivo, pois se há uma transposição da teoria à prática, significa dizer que este professor está seguindo as orientações dos PCNs. Não temos certeza com se dar essa transposição, pois é necessário fazer uma adequação dos PCNs à realidade das turmas.

PROFESSOR 02

R2

“Acho que é bem coerente, pois, segundo os PCNs o ensino de LP deve ser baseado no trabalho com os diversos gêneros textuais, portanto, o professor tem como adequar a sua realidade. No entanto, os PCNs pecam quando não dá relevo ao texto literário, já que estes funcionam como elemento revelador do eu, do outro e da comunidade a qual pertencemos”.

Percebemos que este professor tem uma boa leitura dos PCNs. Pois, sua resposta é reveladora. Entendemos com isso que este professor atende nossas perspectivas com relação à leitura dos PCNs. Percebemos ainda, que este professor está em início de carreira, apesar de pouca experiência, seu vínculo de trabalho é efetivo e está em formação continuada.

PROFESSOR 03

R3

“Os PCNs apresentam um bom nível de coerência”.

A resposta desse professor é muito vaga. Não dar margem a muita interpretação. Todos sabem que os PCNs apresentam um bom nível de coerência. Podemos inferir que este professor não é um leitor dos PCNs, pois como observamos na sua propositura não dar para afirmar o contrário.

PROFESSOR 04

R4

“Há uma coerência em alguns aspectos mais em outros não é tão viável”.

Com relação a resposta do professor 04, percebemos a possibilidade deste professor ser leitor dos PCNs, mas é possível outras interpretações. Acreditamos que, apesar deste professor ser leitor dos PCNs não tem efetivamente a prática da leitura permanente destes parâmetros. Seguir as orientações dos PCNs pressupõe modificar as práticas de linguagem sobre uma concepção abstrata da língua por uma concepção enunciativa e discursiva de língua. Na introdução deste documento há encaminhamentos que apontam outros níveis de concretização. Evidentemente em alguns contextos escolares precisam readaptar suas propostas de ensino de LP, em outras não isso ainda não é viável, pois o nível de conhecimento dos alunos não está adequado a sua série e a sua idade.

PROFESSOR 05

R5

“A Língua Portuguesa é usada como instrumento de interação social e concepção de valores socioculturais”.

Para este professor sua prática de ensino está voltada para um contexto de intervenção social e construção de valores culturais. Portanto, entendemos que este professor não é um leitor dos PCNs. Não é essa a concepção que orientam o documento mencionado.

Quanto ao professor 06, mais uma vez não respondeu ao questionamento. Percebemos que tal professor, segundo ANTUNES (2001) tiveram na sua formação profissional conhecimentos teóricos voltados às noções de gramáticas, principalmente os mais antigos. Isso se concretiza, pois este professor está em exercício há 31 anos. Apesar de ter uma formação recente, mas que por diversos fatores, esperam passivamente “que alguém

venha lhes dizer o que fazer, dispensando o trabalho constante de estudar, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e reinventar sua prática” ANTUNES, 2001, p. 40).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo realizado, pôde-se constatar por meio de um questionário com dezoito questões aplicadas a seis professores de LP que mais de 50% destes professores não são leitores dos PCNs. Apenas o fizeram quando estavam na graduação. É possível concluir que pode existir uma certa disparidade entre os conteúdos ministrados pelos professores de LP e as orientações apontadas pelos PCNs. Com isso, o ensino pode estar descontextualizado, tradicional, “preso” a regras gramáticas e em descompasso com o Enem.

A partir das proposições dos professores de LP objeto desta pesquisa, efetivamente não são leitores assíduos dos PCNs. A história de leitura destes professores referente aos PCNs se limitam na sua formação enquanto graduado. Verificamos que os professores com faixa etária superior aos 40 anos, apesar de uma formação continuada em curso, estão desvinculados das propostas dos documentos oficiais. Desta forma, o ensino de LP torna-se cansativo e demasiadamente chato, pois os estudos apontam que o ensino de LP tradicional não estimula o aluno, nem o torna um bom leitor. Pelo contrário, a grande maioria dos alunos criam uma aversão ao ensino de LP.

O professor que pretende desenvolver uma prática docente de LP orientado pelos PCNs, precisa traçar um caminho direcionado aos gêneros textuais. Ele precisa administrar a progressão da aprendizagem de cada gênero conforme a série e conhecer cada um com suas especificidades. Vale salientar que não existe gênero textual ideal para o ensino de língua. Há gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante. Entendemos que o trabalho realizado através de sequências didáticas, por exemplo, a partir de um gênero textual é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia, pois tudo que fazemos linguisticamente está sendo feito em algum gênero.

Assim, esperamos que esta pesquisa possa oferecer alguma contribuição e reflexão na área da Educação, particularmente no ensino de LP e aos demais professores leitores desta pesquisa, que possa ajudar na iniciativa de leitura permanente dos PCNs de Língua Portuguesa. Por fim, percebemos que a leitura dos documentos oficiais contribuem para uma melhor aplicação à aprendizagem de LP aos alunos do Ensino Básico. Esperamos que esse trabalho possa direcionar os professores em suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática. Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola. 2007.

_____. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola. 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL – SEMTEC. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa: ensino médio**. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1998.

GONZAGA, Amarildo Menezes. *A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa*. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Org). *Pesquisa em educação; alternativas investigativas com objetos complexos*. Loyola, 2006. P. 65-92..

MACHADO, Tânia Cristina Lemos. *Os gêneros e a formação do professor de língua portuguesa: muitas pedras no caminho*. In: 16º COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. Caderno de Atividades Resumos, 2007. Acesso em: 20 de janeiro de 2014. Disponível em: < http://www.alb.com.br/anais16/sem11pdf/sm11ss03_01pdf>

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo, Atlas, 5ª Ed, 2003, 310p.

PERROUD, Ph. *Formação contínua e obrigatória de competência na profissão de professor*. São Paulo: Ideias, 1997. n° 30, p. 205 - 248.

PERROUD, Ph. *Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 1999. n° 12, p. 5 - 21.

ANEXOS

ANEXO A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).

3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.

4. Quais são as séries?

5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?

6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?

8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?

9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada

10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

diário semanal bimestral semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

sim não

15. Como você vê essa prática?

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim não

Justifique:

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim não

Justifique:

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?

ANEXO B

PROFESSOR 01



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
 PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
Há 09 anos
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
Apenas em uma.
4. Quais são as séries?
Do 6º ano ao 9º ano.
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
Um, manhã.
6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
Há 06 anos.
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
Há 06 anos.
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
Em curso
10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.

Educação

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

diário semanal bimestral semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

livros didáticos, gramáticas, internet, livros literários, entre outros, pois como: jornais e revistas

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

sim não

15. Como você vê essa prática?

não é bom, pois seria interessante na teoria de experiência.

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim não

Justifique:

Acho que seria interessante os alunos terem uma base curricular comum em todo o país.

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim não

Justifique:

não vejo necessidade.

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?

Acho super interessante aliar a teoria à prática. Vejo que há um bom nível, pois quando se adequar muito aulas as teorias propostas nos livros.

PROFESSOR 02



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
 PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
3 anos
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
C.E.F.ª "Anilota Barreira"
4. Quais são as séries?
Ens. Fundamental = 8º e 9º anos / Ens. Médio = 1º, 2º e 3º.
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
Um.
6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
2 anos
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
2 anos
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
em curso.
10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.
Educação.
12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?
 diário semanal bimestral semestral
13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?
Materiais didáticos, internet, geométricos, livros literários, entre outros.
14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?
 sim não
15. Como você vê essa prática?
Não é positiva, porque a lista de experiências é importante para desenvolver o trabalho.
16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?
 sim não
- Justifique:
Estudar os PCNs é importante para garantir que os alunos tenham acesso a uma base curricular comum
17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?
 sim não
- Justifique:
Eu só estudei os PCNs durante a graduação.
18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?
Sabe-se que é bem coerente, pois, segundo os PCNs o ensino de LP deve ser baseado no trabalho com os diversos gêneros textuais, portanto, os professores têm como seguir a sua realidade.
No entanto, os PCNs pecam quando não dá relevo ao texto literário, já que este funciona como elemento revelador do eu, do outro e da comunidade a qual pertencemos.

PROFESSOR 03



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
Há 22 anos.
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
Em duas.
4. Quais são as séries?
5º, 6º, 7º, 8º e 9º
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
Dois, Manhã e Noite.
6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
Há 22 anos.
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
Há 22 anos.
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
Estou em formação.
10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.

Na área de Educação

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

diário semanal bimestral semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

Vários recursos, tais como: Livro Didático, gramática, Internet, etc.

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

sim não

15. Como você vê essa prática?

Deveria manter, pois é necessária e de grande importância.

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim não

Justifique:

Os PCNs são importantes, pois abrangem assuntos diversos.

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim não

Justifique:

As vezes há a necessidade de buscar mais informações.

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?

Os PCNs apresentam um bom nível de coerência.

PROFESSOR 04



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
há três meses.
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
uma escola.
4. Quais são as séries?
leito (ao mesmo tempo)
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
um turno (tarde)
6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
há três meses.
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
há três meses.
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
há 5 anos (Graduação). Em curso
10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.

Literatura

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

() diário semanal () bimestral () semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

currículo da base.

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

() sim não

15. Como você vê essa prática?

deveria ser mais ideológica a prática e compartilhada com outros professores.

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim () não

Justifique:

Os PCNs não de grande importância para o desenvolvimento em sala de aula.

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim () não

Justifique:

Para concursos públicos

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?

há uma coerência em alguns aspectos mais em outros não é tão coerente.

PROFESSOR 05



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
() 20 a 25 anos () 25 a 30 anos () 30 a 35 anos (X) 35 a 40 anos () 40 a 45 anos () 45 a 50 anos () 50 a 55 anos () 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
Há 6 anos
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
Uma
4. Quais são as séries?
6º e 7º anos
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
Um
6. Qual seu vínculo de trabalho?
() efetivo (X) prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
Há 5 anos
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
Há 5 anos
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
Há 1 ano
10. Em que momento isso aconteceu?
() diurno-diária () noturno-diária (X) sábado
() presencial (X) semi presencial () a distância

11. Em que área foi sua última formação.

Língua Portuguesa

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

diário semanal bimestral semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

livros didáticos e paradidáticos, vídeos, aulas expositivas.

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

sim não

15. Como você vê essa prática?

A falta de diálogo entre os professores da área prejudica bastante o planejamento da disciplina.

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim não

Justifique:

Sim. Se todos os professores conhecessem os PCNs a nossa realidade seria bem melhor.

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim não

Justifique:

Sim, procuro me basear nos PCNs para melhorar minha prática.

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?

A língua Portuguesa é usada como instrumento de intervenção social e concepção de valores socioculturais.

PROFESSOR 06



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
 PROJETO DE PESQUISA: PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LEITOR DOS
 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a faixa etária:
 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos 35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos 55 a 60 anos
2. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa (LP).
Durante 6 anos.
3. Em quantas escolas você leciona tal disciplina.
leciono português em uma escola.
4. Quais são as séries?
Ensino médio
5. Quantos turnos você atua como professor(a) de LP?
Em três turmas.
6. Qual seu vínculo de trabalho?
 efetivo prestador de serviço
7. Há quanto tempo você leciona nesta escola?
Há 31 anos.
8. Há quanto tempo você leciona LP nesta escola?
Há 6 anos.
9. Há quanto tempo foi sua última formação continuada
A última formação foi concluída 2012.
10. Em que momento isso aconteceu?
 diurno-diária noturno-diária sábado
 presencial semi presencial a distância

11. Em que área foi sua última formação.

Letras.

12. Como é realizado o planejamento de sua disciplina?

diário semanal bimestral semestral

13. Que recursos didáticos você se baseia para elaborar suas aulas?

Pesquisas / Livros didáticos /

14. No momento de planejamento, há um estudo ou discussão com outros professores de LP sobre os PCNs?

sim não

15. Como você vê essa prática?

A socialização de problemas e resultados positivos ajuda o profissional a crescer.

16. Você sente necessidade de estudo dos PCNs?

sim não

Justifique:

17. Para além do planejamento da escola, você estuda os PCNs de LP?

sim não

Justifique:

18. Qual o nível de coerência entre os conteúdos/metodologia de ensino de LP proposto pelo PCNs e a realidade das suas turmas?